



MANUEL
CARLOS JORGE
DO NASCIMENTO

Manuel Carlos, o 11.^o e último filho de Carlos Lourenço Jorge (1833-1925) e de Maria de Jesus do Nascimento (1840-?), nasceu no Corvo no dia 18 de abril de 1885.

O seu pai foi baleeiro até cerca dos 40 anos, tendo chegado a passar pelo Chile, no porto de Talcahuano e na cidade de Concepción.

Como seria o Corvo e como decorreria a vida dos corvinos naquela época? Com certeza de modo não muito diferente do testemunho que Raul Brandão imortalizou na sua obra *Ilhas Desconhecidas*, fruto da sua ida aos Açores em 1924, onde permaneceu 13 dias no Corvo.

Enquanto menino, Manuel Carlos participaria nas brincadeiras com as outras crianças, iria ao banho no verão e pouco mais. Quando atingiu a idade, passou a frequentar a escola e completava esse ensino com o que era ministrado pelo padre Tomé Gregório de Mendonça, na igreja. Desde cedo, se destacou pela sua aptidão para os números e para as letras. De tal modo, que passou a dar cursos de alfabetização aos adultos.

Os seus conhecimentos foram aumentando, fruto das leituras dos livros que o seu irmão seminarista (Francisco) tinha reunido. Em simultâneo, ajudava nas tarefas do campo e, já mais velho, ia para a baleação nas vizinhanças da ilha. Desde sempre, o seu pai, que fora baleeiro nas barcas americanas até aos 36 anos, lhe contava muitas das suas aventuras e lhe descrevia os locais por onde tinha passado.

Muitas dessas descrições coincidiam com o que lia na obra *Moby Dick*, que era um dos livros da biblioteca do irmão.

À medida que ia andando para a idade adulta, altura em que teria de decidir o que fazer da sua vida, a ideia de partir foi-se instalando na mente do jovem. O pai falara-lhe num irmão da mãe que partira, com mais três corvinos, para o Chile. Três deles tinham ficado em Concepción e o tio João do Nascimento instalara-se em Santiago, onde possuía uma livraria. Foi esse o destino que escolheu. O pai aconselhou-o a passar primeiro pela Califórnia, onde estavam já instalados, na indústria hoteleira, três dos seus irmãos (Pedro, João e José). Isto talvez com a secreta esperança de que Manuel Carlos acabasse por ficar com eles.

Em finais de julho de 1905, Manuel Carlos sai do Corvo para a Terceira, onde ficou alguns dias com o seu irmão Francisco, que estava perto de se tornar padre. Daí, foi para a Horta onde se engajou a bordo de uma baleeira a caminho de New Bedford. Quando lá chegou, empreendeu a travessia, de comboio, para a S. Francisco, onde estavam os seus irmãos, com quem trabalhou cerca de três meses.

“Manuel também caminhou para o Chile, experimentámos para ver se ele não ia, mas não foi possível. Mas talvez fosse o melhor para ele ir. Nós oferecemos-lhe trabalho e eu disse-lhe que o ensinava a despensar a mesa e dávamos-lhe quarenta pesos por mês, mas mesmo assim ele não quis. Ele ainda não escreveu do Chile, mas estamos esperando carta breve dele.

Merced, 5 de Dezembro de 1905.”

É assim que o irmão José se refere à partida de Manuel Carlos, numa carta para os pais.

¹ No Chile, Manuel Carlos optou por mudar Jorge para George. Isto porque não queria, à viva força, que passassem a chamá-lo [horhe] (transcrição aproximada da pronúncia castelhana para Jorge). Ao passar o seu nome para George, a pronúncia desse nome seria o mais aproximada possível da portuguesa.

Este roteiro, dedicado ao corvino Manuel Carlos Jorge do Nascimento, terá uma apresentação inversa da dos roteiros culturais dos Açores até agora publicados. O texto “corrido” fará uma descrição histórica da ilha do Corvo, de modo a que o leitor possa enquadrar, numa perspetiva mais real, aquilo que foi a vida de Manuel Carlos e o modo como chegou a ser quem foi.

O Corvo mítico ou, casualmente, fantástico

Os primeiros povoadores da ilha teriam encontrado, no cimo da Ponta do Marco, uma estátua equestre, em que o seu cavaleiro teria um braço elevado, apontando para ocidente, gesto interpretado como sinal de que haveria outras terras a descobrir.

O principal responsável por esta versão foi o cronista Damião de Góis (1502-1574) que, na sua crónica sobre o Príncipe D. João fala de: "... uma estátua de pedra posta sobre uma laje, que era



um homem em cima de um cavalo em osso, e o homem vestido de uma capa de bedém, sem barrete, com uma mão na crina do cavalo, e o braço direito estendido, e os dedos da mão encolhidos, salvo o dedo segundo, a que os latinos chamam índice, com que apontava contra o poente”.

"Esta imagem, que toda saía maciça da mesma laje, mandou el-rei D. Manuel tirar pelo natural, por um seu criado debuxador, que se chamava Duarte D'Armas; e depois que viu o debuxo, mandou um homem engenhoso, natural da cidade do Porto, que andara muito em Itália, que fosse a esta ilha, para, com aparelhos que levou, tirar aquela antigualha; o qual quando dela tornou, disse a el-rei que a achara desfeita de uma tormenta, que fizera o Inverno passado. Mas a verdade foi que a quebraram por mau azo; e

trouxeram pedaços dela, a saber: a cabeça do homem e o braço direito com a mão, e uma perna, e a cabeça do cavalo, e uma mão que estava dobrada, e levantada, e um pedaço de uma perna; o que tudo esteve na guarda-roupa de el-rei alguns dias, mas o que depois se fez destas coisas, ou onde puseram, eu não pude saber."

O cronista também refere que Pero da Fonseca, capitão do donatário, encontrando-se nas Flores e no Corvo em 1529: "... soube dos moradores [corvinos] que na rocha, abaixo donde estivera a estátua, estavam entalhadas na mesma pedra da rocha umas letras; e por o lugar ser perigoso para se poder ir onde o letreiro está, fez abaixar alguns homens por cordas bem atadas, os quais imprimiram as letras, que ainda a antiguidade de todo não tinha cegas, em cera que para isso levaram; contudo as que trouxeram impressas na cera eram já mui gastas, e quase sem forma, assim que por serem tais, ou porventura por na companhia não haver pessoa que tivesse conhecimento mais que de letras latinas, e este imperfeito, nem um dos que ali se achavam presentes soube dar razão, nem do que as letras diziam, nem ainda puderam conhecer que letras fossem."

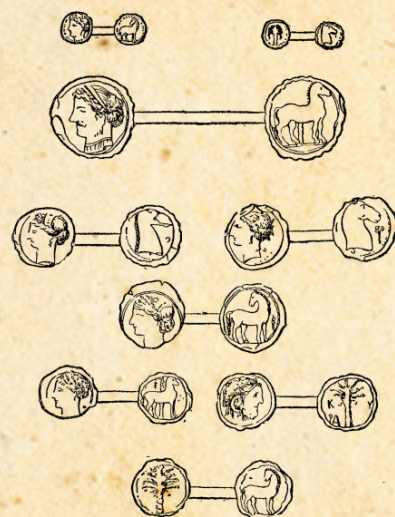
A esta estátua, os historiadores açorianos Gaspar Frutuoso (1522-1591) - Livro Sexto das Saudades da Terra - e António Cordeyro (1641-1722) - História Insulana das Ilhas a Portugal Sugeytas no Oceano Ocidental -, fazem curtas referências. Diz Frutuoso que o cavaleiro apontaria a direção em que se encontraria uma nova ilha chamada Garça, que “do Norte da Terceyra, no Verão se vê. Eu disto não digo mais, senão que he hua antigualha muyto notavel”. António Cordeyro, referindo-se ao Corvo, diz: “Chama-se também a Ilha do



Marco, porque não se achando na tal Ilha sinal ou indício de gente humana, em hua alta rocha, que cae sobre o mar, se achou muito levantada, hua fatal estatua de pedra, que consta de hum cavalo e hum cavaleiro em cima, mysteriosamente apontando para o Poente, e mais direytamente para o Noroeste”.

Frei Diogo das Chagas (1575-1667), cujo irmão, Inácio Coelho (1575-1643), foi vigário do Corvo a partir de 1608 até data incerta, não faz nenhuma menção ao assunto na sua obra Espelho Cristalino em Jardim de Várias Flores.

Mais uma pequena notícia sobre um eventual achamento de moedas fenícias e púnicas no Corvo: numa noite tempestuosa de 1749 teria ficado à vista um vaso de barro com moedas cartaginesas e cirenaicas. Algumas dessas moedas seriam enviadas para Lisboa e, daí, nove delas chegaram ao padre Enrique Flórez em Madrid. Este padre era um dos maiores numismatas ibéricos da época. Em 1761, Flórez cederia as moedas ao sueco Podolyn que, em Gotemburgo, publicou, no Vol. I (1778) da revista *Göteborgske Wetenskap og Witterhets Samlingar*, o artigo (trad. portuguesa) “Algumas anotações sobre as viagens dos antigos, derivadas de várias moedas cartaginesas e cirenaicas que foram encontradas em 1749 numa das ilhas dos Açores”.



O Corvo histórico ou, eventualmente, real

Não deve ser por acaso que a documentação existente sobre o achamento dos Açores é muito parca. Deste modo, para evitar eventuais incertezas, a história do Corvo começará a partir da existência de documentos válidos e seguros.

A 28 de novembro de 1474, D. Afonso V doa a Fernão Teles, para além das ilhas que ele viesse a descobrir, desde que não fossem no Golfo da Guiné, as “ilhas que chamam de Flores que pouco há que achara Diogo de Teive e João de Teive seu filho (...) que as ditas achou e tinha”.

Como prova do seu achamento pode encontrar-se na obra do filho de Cristóvão Colombo, Fernando Colombo, *Le Historie della Vita e dei Fatti di Cristoforo Colombo*, a afirmação de que Diogo de Teive tinha navegado 150 léguas para ocidente do Faial e que, tendo observado aves terrestres no regresso, se decidiu a seguir em sua direção, descobrindo assim as duas mais ocidentais ilhas do arquipélago açoriano.

Até agora, a data do achamento do Corvo, mais ou menos aceite, tem sido a de 1452. De qualquer modo, não restam dúvidas de que, em 1474, o Corvo e as Flores eram propriedade da família Teive. Nessa altura Fernão Teles comprou o Corvo ao filho de Diogo de Teive,

João de Teive (veja-se acima, a doação de D. Afonso V, de 28 de novembro de 1474).

Pela documentação existente pode determinar-se que, até à elevação de município no século XIX, (1832) a ilha pertenceu às seguintes famílias e entidades:

- Aos Teive, de 1452 a 1474;
- Aos Teles, de 1474 a 1503;
- Aos Fonseca, de 1503 a 1548;
- Aos Sousa, de 1548 a 1593;
- Aos Mascarenhas (condes de Santa Cruz e duques de Aveiro), de 1593 a 1759;
- À Coroa, de 1759 a 1815;
- A Pedro José Gaupers (por três vidas), de 1815 a 1832.



Em 1507, as Flores e o Corvo ainda são dadas como despovoadas. Em 1508, Antão Vaz e seu irmão Lopo Vaz, castelhanos residentes na Terceira, vão para as duas ilhas. Antão para o Corvo e Lopo para as Flores. Aquele, pouco tempo depois, voltou para a Terceira sem conseguir o sucesso esperado, no que diz respeito ao seu povoamento. Nova tentativa foi levada a cabo por três irmãos Barcelos (1515-1526), com idêntico resultado.

Apenas em 1548, quando Gonçalo de Sousa foi confirmado como senhorio das duas ilhas é que, finalmente, a ilha passou a ter uma população permanente. Diz Frei Diogo das Chagas: “e logo enviou seus escravos de quem ele fiava (...) que cultivavam a ilha e olhavam por seus gados, que eram muitos”. Passados alguns anos, foram para a ilha mais habitantes provenientes das Flores: “aqui nestas terras baixas começaram a situar os primeiros povoadores, que foram os filhos e os netos dos da Ilha das Flores (...) e assim foram atraindo outros, e multiplicando-se com os que de novo nela nasciam”, continua Chagas. Por sua vez, Gaspar Frutuoso (finais do séc. XVI), no capítulo referente ao Corvo, fala já de uma população que vive “em casas palhaças, que serão até vinte vizinhos, rendeiros e negros do senhorio, e certos escravos, e mulatos casados com escravas”.

Pode imaginar-se que, nas décadas seguintes, se tenha verificado um aumento gradual da população devido a uma maior e melhor exploração agrícola dos terrenos.

Em 1593, as duas ilhas passam para os Mascarenhas, condes de Santa Cruz. A partir daí, os corvinos entram numa situação de crise que, gradualmente, vai aumentando e que só atingirá o seu fim em meados do séc. XIX. Alguns dos fatores, que terão originado tal situação, foram com certeza: (i) o agravamento do foro; (ii) o aumento acentuado da população; (iii) a fraca “vida de relação” com o exterior e o sistema de autossuficiência alimentar a que ela obriga; (iv) a impossibilidade de aumentar significativamente a área de cultivo; (v) as frequentes incursões de piratas.

Destes efeitos, dá-nos conta um documento da Câmara de Santa Cruz que acompanha uma petição da população corvina, de 1768, ao Capitão-General dos Açores, D. Antão d’Almada. Nela se afirma “não chegarem as searas de trigo para pagar a pensão, dízimo e ficar semente (...) sendo forçoso aos ditos moradores (...) comerem das searas que fazem de junça, pouco milho (...) queimando em lugar de lenha, palha (...) andam os homens e mulheres quasi nus”.

Relativamente ao aumento da população, já Diogo das Chagas dela dá conta ao dizer: “e assim se povoou de tal modo, que não cabem já hoje os povoadores nela”. Na referida exposição, os corvinos que, na altura, eram 720, eram obrigados a viver “dous a trez casaes em huma só choça de palha”. Também é mencionada a impossibilidade de aumentar a área de cultura devido ao carácter inóspito de uma parte da ilha e à derrocada de terrenos aráveis em 1766, acrescidos de um enfraquecimento gradual das terras cultivadas.

Em 1759, a ilha passa a pertencer à Coroa por confiscação dos bens do Duque de Aveiro, José de Mascarenhas. No entanto, o elevado foro é mantido e, por alvará de 3 de dezembro de 1814, D. João VI, quando ainda se encontrava no Rio de Janeiro, concede a Pedro José Caupers, moço de guarda-roupa, a mercê de gozar das rendas que haviam pertencido aos capitães do donatário nas ilhas das Flores e Corvo. A escritura desse aforamento foi celebrada na mesma cidade a 6 de março de 1815, sendo válida por três vidas.

Em maio de 1832, aproveitando a presença do Príncipe Regente na Terceira, uma delegação corvina desloca-se àquela ilha para se queixar das duras condições em que vivia a população. Um decreto, de 12 de maio desse mesmo ano, reduz o foro para 20 moios de trigo e abole a parte monetária (80 mil réis). Em reduções graduais, o foro acaba por ser extinto em 1853. Desde então, diz Macedo - *História das Quatro Ilhas, que formam o Distrito da Horta* - (1871): “começou a ilha a progredir, os seus habitantes a dedicar-se ao cultivo das suas terras e criação dos seus gados, obtendo não só o necessário para o seu sustento e vestimenta, mas ainda para fornecimento dos navios que ali aportam frequentemente”.

Facto indiciador dessa melhoria é o das casas, já antes de 1871, serem todas cobertas de telha. De salientar a existência, desde 1845, de uma escola primária masculina. Em 1871, passou a haver ensino noturno para adultos, informa ainda Macedo na obra citada.

Também se verifica um certo aumento populacional. Os valores conhecidos, desde meados do séc. XIX até ao seu final, são os seguintes:

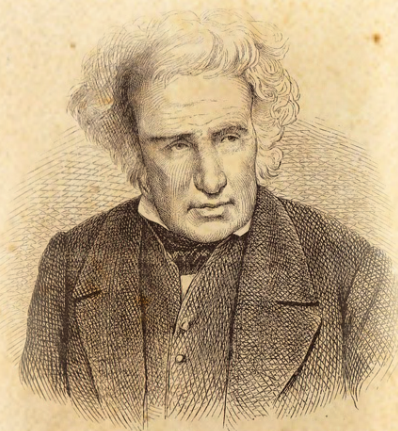
- 1842 – 800 habitantes e 190 fogos;
- 1864 – 883 habitantes;
- 1871 – 887 habitantes e 201 fogos;
- 1878 – 880 habitantes;
- 1890 – 806 habitantes;
- 1900 – 808 habitantes.

No último decénio do século, verifica-se um decréscimo da população. Tal facto deve-se, com toda a certeza, à emigração que começou a verificar-se. A maior parte era dirigida para os Estados Unidos e, episodicamente, para a atividade baleeira. Mas também houve, em menor número, corvinos que se dirigiram para o Brasil e para o Chile. Foi para este país que rumou Manuel Carlos Jorge do Nascimento em 1915, quando a população do Corvo já não atingia as 700 almas.

Não seria justo acabar esta breve notícia sem referir Mouzinho da Silveira, ministro do reino, que teve um papel preponderante na mudança verificada no Corvo, a partir de 1832. Foi graças a ele que o Corvo obteve, primeiro, a redução do foro e, também, a sua autonomia administrativa, com a elevação da povoação a vila e respetiva criação da Câmara Municipal, através do decreto de 21 de junho desse ano.

Os corvinos ficaram, para sempre, no seu coração. De tal modo, que deixou expresso no seu testamento o seguinte: “Quero que o meu corpo seja sepultado no cemitério da ilha do Corvo, a mais pequena das dos Açores (...); são gentes agradecidas e boas, e gosto agora da ideia de estar cercado, quando morto, de gente que na minha vida se atreveu a ser agradecida”.

Tal desejo não se concretizou. A única homenagem que os corvinos lhe renderam foi dar o seu nome à nova escola da ilha.



JOSÉ XAVIER MOUSINHO DA SILVEIRA

“Fiz-me ao largo, perguntando a mim mesmo se voltaria a ver este rochedo cuja solidão desperta uma sensação de repouso na alma dos que lutam contra uma vida difícil”.

(Príncipe Albert I do Mónaco)

“Quando as raparigas embarcam para a América até das pedras se despedem abraçando-as. O Corvo é um mundo.”

(Raul Brandão, à partida)

“Se a felicidade fosse possível no mundo, a ilha era um lugar dela.”

(Fernando Dacosta)

“Pessoalmente, não duvido do Corvo: esta podia ser a ilha do meu descanso, antes de o descanso me ser eterno. (...) O Corvo está no centro do universo.”

(João de Melo)



- 1905** (início de dezembro). Depois de chegar a Valparaíso, segue para Santiago, onde se encontra com o tio materno João Nascimento. O tio tinha fundado, em 1875, a Livraria Nascimento na Rua Ahumada, n.º 125. Na impossibilidade de trabalhar com o tio, dirige-se, em seguida, para Concepción, onde estavam os outros três corvins. Consegue emprego na casa de penhores La Campana, propriedade dos irmãos Coelho, e começa a frequentar o curso noturno de contabilidade. Algum tempo depois, estabelece relações de amizade com uma jovem chilena, Rosa Elena, que trabalhava numa loja de móveis e que, por coincidência, tinha chegado a Concepción exatamente no mesmo dia em que Manuel Carlos chegara de Santiago.
- 1915** Manuel Carlos casa com Rosa Elena Márquez Inostroza (9 de maio).
- 1916** Nasce María Helena, a primeira filha do casal (19 de junho).
- 1917** Na sequência do falecimento do seu tio João, Manuel Carlos muda-se para Santiago onde, depois de ter comprado os direitos aos restantes herdeiros, assume a exploração da Livraria Nascimento. Nesse mesmo ano, funda a Editorial Nascimento. A sua primeira publicação é uma nova edição da obra *Geografía Elemental* de Luis Caviedes, na Imprenta Universitaria de Dávila Basterrica. O seu tio já tinha levado a cabo uma primeira edição da obra que, nessa altura, já se encontrava esgotada. Referindo-se ao início da sua atividade editorial, Manuel Carlos diz o seguinte: “Eu sabia tanto de vender livros e de fazê-los, como o que sei hoje de aviação”.
- 1917** Nasce o primeiro filho, Carlos Lorenzo (16 de novembro).
- 1918** Nasce a segunda filha, Elena Ester (30 de novembro).
- 1918** Manuel Carlos associa-se a Raúl Simón (César Cascabel) e a Eduardo Barrios que lhe facilitam o seu contacto com o meio intelectual chileno. Juntos, procedem à publicação de *El hermano Asno*, cujo autor é o primeiro dos seus sócios, e também de *Cien nuevas crónicas*, do segundo, e de *La Señorita Ana* de Rafael Maluenda.
- 1922** Nesse ano, Manuel Jorge, já sozinho, publica, do poeta Pedro Antonio González, *Sus mejores poemas*.
- 1922** Igualmente publica *Lo que no se ha dicho* de Teresa Wilms Montt.
- 1923** Manuel Carlos compra uma velha prensa Marinoni e, pouco depois, um linótipo, tendo-se instalado na Rua Arturo Prat, n.º 1434, onde passaram a funcionar a Tipografia e a Editora.
- 1923** Publicação da 1.ª edição chilena de *Desolación* de Gabriela Mistral (futuro prémio Nobel).
- 1923** Edição de *Montaña adentro* de Marta Brunet.
- 1924** Nascimento de Julio Mario George (2 de dezembro).
- 1930** Início das tertúlias literárias, na Livraria Nascimento, ao meio-dia de todos os sábados. Nelas participaram muitos dos escritores chilenos mais conhecidos.
- 1931** Lançamento do primeiro catálogo da Editorial Nascimento com a listagem de todas as obras publicadas, até à altura. Nele inclui-se um índice remissivo por secções, além das próximas novidades e das futuras publicações.
- 1933** Publicação de *Residencia en la Tierra* de Pablo Neruda (Nefalí Reyes), em que se encontra a sua produção poética entre os anos 1925-1931.
- 1936** Manuel Carlos é nomeado Vice-Cônsul Honorário de Portugal no Chile.
- 1938** Manuel Carlos é eleito primeiro presidente da Associação de Impressores chilenos.
- 1939** A sucursal da Livraria, em Concepción, é destruída pelo terramoto de 1939 (24 de janeiro). (foto 1)
- 1940** Início da edição, em vinte volumes (11.760 páginas), da obra *Historia de Chile: desde la prehistoria hasta 1891*, de Francisco Encina.
- 1944** Falecimento da esposa de Manuel Carlos, María Elena Márquez.
- 1948** Mudança da livraria para a rua San Antonio, 240 e, mais tarde, para o n.º 390 da mesma rua (instalações próprias).
- 1948** Manuel Carlos, acompanhado da sua filha María Elena, visita a sua ilha natal, onde (foto 2), para lembrar os “velhos tempos”, participa numa caça à baleia. No seu regresso, passa pela Califórnia para ver os seus irmãos.
- 1950** Fundação, em que Manuel Carlos participou, da Cámara Chilena del Libro.
- 1951** Edição do livro *Hijo de Ladrón* de Manuel Rojas.
- 1953** A Editorial Nascimento promove o seu primeiro e único concurso literário. O vencedor foi o escritor Ciro Alegría com a novela *La serpiente de oro*.
- 1956** Manuel Carlos passa a Cônsul Honorário de Portugal no Chile (até à sua morte).
- 1966** Morte de Manuel Carlos provocada por um cancro no pâncreas (12 de janeiro). A 25 do mesmo mês, tem lugar uma homenagem póstuma, na qual lhe é atribuída a Medalha de Ouro da Cidade de Santiago. O seu filho Carlos continua a assegurar a atividade editorial da empresa.
- 1971** Início da coleção de livros de bolso: Biblioteca Popular Nascimento.



- 1978** Na sequência do encerramento da Livraria Nascimento, a “Agrupación de Amigos del Libro” realiza uma cerimónia comemorativa dos 102 anos de existência da Livraria e dos 60 anos da Editora Nascimento.

Nascimento 102

Aponto para a minha agenda grato evento,
Razão para alvoroço literário:
Setembro trouxe um novo aniversário
Da nossa casa grande, Nascimento.

Nomes de poetas dão-lhe contento,
Escritores, ofícios necessários
E leitores que são beneficiários
Desse dom cultural e deslumbramento.

Em memória de Manuel Carlos ceifo espigas,
Traslado-as a seus filhos por afecto
Ao longo conhecer que as prodiga.

Hoje, a século e dois anos do projecto
Que é viva realidade, nobreza obriga
Saudar esta festa de intelecto

(Victor Franzani - tradução de Vázquez de Acuña)



- 1986** Encerramento definitivo da Editora e da Tipografia (em agosto). Ao longo da sua existência, conseguiu publicar mais de 6.000 obras. De salientar que, das 37 obras galardoadas com o Prémio Nacional de Literatura, até este ano, 35 tinham sido editadas por Nascimento. A última obra a ser publicada foi *Aproximación histórica-folklórica de los juegos en Chile* de Oreste Plath.
- 1995** Tentativa frustrada, por parte da neta Ximena George-Nascimento, em abrir uma Livraria Nascimento na Rua Providencia, n.º 2349.
- 1998** Falecimento de Carlos Lorenzo, em Santiago (30 de dezembro).
- 2004** Falecimento de Julio Mario (13 de setembro) e de María Helena (6 de dezembro), em Santiago.
- 2004** A Direção Regional da Cultura dos Açores edita o livro *Carlos G. Nascimento. Co-arquitecto das Letras Chilenas*, de Vázquez de Acuña.
- 2010** A título póstumo, Manuel Carlos foi agraciado com a medalha da Insígnia Autônómica de Mérito Profissional da Região Autónoma dos Açores (24 de maio).
- 2013** O júri do Consejo Nacional de la Cultura y las Artes atribuiu o primeiro lugar no concurso Escrituras de la Memoria, Obras Inéditas, 2013 à obra de Filipe Reyes “Nascimento. El editor de los chilenos”.
- 2014** Falecimento de Elena Ester em San José de Costa Rica.
- 2014** inauguração da exposição sobre a vida e obra de Manuel Carlos, na Biblioteca Nacional Chilena, com o título *Nascimento, de mar a mar, una odiseia editorial* (10 de dezembro) (foto 3). Durante a exposição passou um excerto do documentário, sobre o Corvo, de Gonçalo Tocha *É na Terra Não é na Lua* (2011), vencedor da competição internacional da IX edição do Festival Doclisboa.
- 2015** Encerramento da exposição (12 de março) com a estreia do filme de Zeca Medeiros, *O Livreiro de Santiago*.
- 2015** Segunda edição do livro de Filipe Reyes com a inclusão de dois novos capítulos (18 de abril).
- 2015** O bisneto de Manuel Carlos, Pablo Farba George-Nascimento, regista de novo a Editorial Nascimento. Nas suas atividades, incluem-se a produção de festivais musicais e a direção de espetáculos artísticos.
- 2016** A Embaixada chilena e a Biblioteca Nacional de Lisboa inauguraram, a 10 de maio, uma exposição sobre Manuel Carlos que ficará aberta ao público até 31 de agosto.

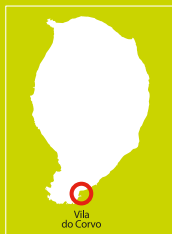
UM PERCURSO PELA VILA DO CORVO da ÉPOCA DE MANUEL CARLOS¹

VILA DO CORVO



escala: 1/10 000

Fonte: DRT, 2006



¹ Este roteiro pela Vila do Corvo baseia-se numa primeira proposta que, seguindo os preceitos ecomuseológicos, recebeu contributos da população através de ações desenvolvidas, no âmbito do projeto do Ecomuseu do Corvo. Das pertinentes observações e propostas, nasceu o atual roteiro que, pelo seu carácter exíguo, integra uma pequena parte dessas contribuições.



O Ribeirão era o ponto obrigatório de passagem para quem desejava deslocar-se para as terras “lá detrás / de baixo”. Era esta a designação genérica para os terrenos de cultura que ficavam a poente da vila. Duas das ruas que confluem para este local, a que vem do

norte e a que vem do sul, tiveram a sua origem em barrancos escavados pela linha de água das chuvas e, durante muito tempo, foram a linha divisória entre a povoação e as terras. Atualmente, o estilo das habitações que ultrapassaram esta linha, para ocidente, veio alterar significativamente o aspeto tradicional do antigo casario.



Como este roteiro é sobretudo dedicado ao corvino que se notabilizou, como editor, no Chile, nada como ver-se à casa onde nasceu e viveu até 1905, altura em que partiu para aquele país. Assim, o próximo destino será o Largo da Cancela. Para isso, toma-se, à direita, a rua que fica

em frente aos CTT. É o Caminho do Carro, assim designado por ter sido, durante muito tempo, a única via de circulação para os antigos carros de bois. No fim, volta-se à direita e logo se chega ao dito largo. O acesso à casa faz-se por um portão que fica à esquerda do chafariz. Entra-se pelo pátio que dá acesso à habitação. É uma casa tradicional corvina de dois pisos. No rés do chão, ficavam as lojas para arrumação e a cozinha. No piso superior, que foi construído, nos inícios do século XX, por iniciativa de um irmão de Manuel Carlos, o padre Francisco Lourenço Jorge, ficavam os quartos e a sala.



UM PERCURSO PELA VILA DO CORVO da ÉPOCA DE MANUEL CARLOS¹



Saindo, em seguida, segue-se pelo Marouço – que está ligado ao Largo da Cancela – e sobe-se a Ladeira do Outeiro até ao largo do mesmo nome. O Outeiro era o ponto de encontro dos homens, ao final do dia, depois das suas lides campestres. Nele, encontra-se a casa do Espírito Santo (A). Também aí, nas instalações da Cooperativa Agrícola Corvense – casa no topo do largo (C) – se procedia à desnatação diária do leite para se fabricar uma deliciosa manteiga que era exportada para o Continente em latas de 5 kg. Na casa que fica em frente à do Espírito Santo funcionaram, até finais dos anos 60, os serviços das Finanças (B). Na primeira casa do lado direito, da ladeira que se subiu, funcionou a Câmara Municipal (D) e, na parte final da habitação, que confina com o Outeiro (E), foi a prisão que, até 1924, nunca tinha sido utilizada e servia de estábulo a uma vaca! Para quem se interessar por saber como era a vida daquele tempo, recomenda-se a leitura de *As Ilhas Desconhecidas*, de Raul Brandão. Pode afirmar-se que o Outeiro foi, assim, durante muitos anos, o verdadeiro coração da vida corvina. Aí, eram tomadas decisões, pelos anciãos, que diziam respeito a toda a população.



Depois, sobe-se pela Ladeira do Outeiro até ao cruzamento com a Rua da Fonte de Cima. Aí, vira-se, à esquerda, na Canada do Graciosa, até ao primeiro edifício, com forma oblonga. No seu interior, encontra-se uma atafona mais ou menos idêntica às originárias que existiram na povoação e que pertenciam a vários proprietários (existiram 5 atafonas). As atafonas faziam o trabalho dos moinhos: moíam os cereais dos respetivos donos e eram movidas por um animal.



Deve voltar-se, de novo, à Ladeira do Outeiro e subir, à esquerda, a Ladeira do Maranhão. Na curva, mais acima, podem encontrar-se ainda vestígios da antiga calçada que, antes, empedrava a totalidade das ruas: a meio punham-se pedras maiores para facilitar a deslocação das pessoas e o restante pavimento era de pedras menores. Encostados à casa que fica à direita, na curva, podem ver-se uns pedregulhos redondos e grandes: eram para proteger do embate das rodas dos carros de bois a parede da casa. As pedras das ruas vinham da orla marítima. Nessa mesma curva, pode apreciar-se, à esquerda, uma porta que ainda mantém uma fechadura antiga de madeira.

No canto inferior do largo (F), pode ver-se, à esquerda, uma velha eira circular, onde se debulhava o trigo com as patas dos bovinos: no meio, havia um pau, o *mourão*, onde se enfiava uma corda, a *cobra*, à qual se atavam 5 ou 6 cabeças de gado que andavam à volta para separar o grão da espiga do cereal (trigo, centeio ou cevada).

Atrás delas, andava uma pessoa com um recipiente, o *tarro* (regra geral, uma cabaça cortada longitudinalmente), onde aparava o frago dos animais para não sujar o cereal. Era na eira, com a ajuda do vento, que o grão era limpo para depois ser guardado nas casas, dentro de sacos, até à altura em que se queria cozer pão e então era levado ao moinho de vento – chegaram a existir seis – ou à moagem mecânica – foram duas. No Caldeirão, onde há duas lagoas, chegou a haver um moinho de água que aproveitava o desnível existente entre elas. No caso do milho – durante muito tempo a base da alimentação corvina – era diferente: debulhava-se à mão, com a ajuda dos vizinhos. Muitas casas tinham um pequeno moinho manual, que moía mais graúdo, para se fazerem as “papas grossas”.

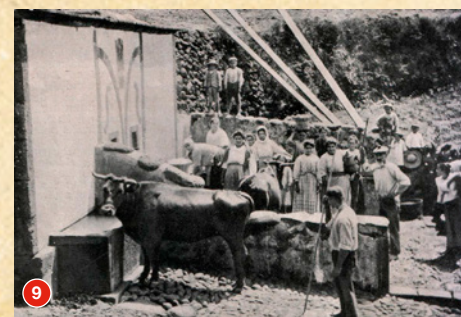


Logo a seguir à atafona, numa casa rupestre restaurada, encontra-se o Centro de Interpretação Natural e Cultural da Ilha do Corvo, onde se encontra, igualmente, a SPEA (Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves). No seu interior pode admirar-se uma maquete da ilha. De referir o facto de, todos os anos (sobretudo em outubro), se verificar uma autêntica “peregrinação” de *birdwatchers* à ilha. Na casa da esquerda, funciona, provisoriamente, o secretariado do Ecomuseu do Corvo. Primitivamente, a casa maior era de habitação e a mais pequena um “chapo” (do inglês *shop*), ou seja, uma oficina de carpinteiro.



Ao cima da rua, encontram-se duas outras eiras “gémeas”. É comum encontrarem-se duas eiras juntas, a fim de “acelerar” o processo da debulha: quando se mudava o gado para a segunda eira, para continuar a debulhar novo cereal, procedia-se, na primeira, à remoção da palha e à limpeza do grão.

Segue-se em frente e desce-se para a Rua da Fonte de Cima, que se sobe até ao seu final. Aí, encontra-se o último dos três lavadouros que existiram na Vila (os outros foram o das Pedras e o do Jogo da Bola). Neles, procedia-se à lavagem da roupa, recolhia-se, no chafariz, a água para uso caseiro e, no tanque exterior, ia beber o gado. Os lavadouros eram, sobretudo, um espaço de convivência feminina.



UM PERCURSO PELA VILA DO CORVO da ÉPOCA DE MANUEL CARLOS¹



10 Volta a descer-se parte da rua e vira-se, à esquerda, para a Canada do Maurício, que se desce até à Rua do Rego. No seu final pode contemplar-se uma antiga casa corvina com a pocilga do porco, o forno na empena exterior e um conjunto de três eiras. Olhando para a encosta, que fica à esquerda desta casa, é visível a afloração geológica, a Rocha do Rego, de onde os corvinos extraíram a pedra para fazer o piso das eiras e os fornos.



11 Segue-se pela Rua do Rego e volta-se, à esquerda, na Canada do Manquinho, que se desce até ao seu final. Aí, do lado esquerdo, pode apreciar-se uma casa antiga, em cuja fachada se podem ver duas pedras, em consola, para suporte de uma varanda de madeira (arquitetura rara na vila). No lado direito pode contemplar-se uma “saia” em pedra na base de uma janela (caso único).



12 Continua-se a descer pelo Canto do Porto da Casa, onde, algures, foi construída a igreja primitiva, até se ir dar à Rua do Porto da Casa, onde se vira à esquerda. Ao chegar ao Largo das Pedras, no topo do largo, existe uma casa arruinada onde se construirá o futuro Museu do Tempo do Ecomuseu do Corvo.



13 Continua-se em frente até entrar na Canada da Rocha, de onde se pode admirar a baía do Porto da Casa, palco de um vitorioso embate corvino contra piratas berberes (1632). Segue-se em frente, até ao fim, e passa-se pelo meio de duas eiras. Aí, existiu um dos primeiros moinhos de vento da ilha.



14 Volta-se à direita e chega-se à igreja. Deve apreciar-se o empedramento do adro, que procura replicar a calçada antiga. No interior, pode ver-se a imagem de Nossa Senhora dos Milagres (imagem flamenga do séc. XVI), a que se atribui o milagre de ter repellido o referido ataque de piratas berberes. Sai-se pelas traseiras do adro e sobe-se a Avenida Nova até ao Largo do Ribeirão, ponto inicial deste percurso.

15 Desejando, continua-se a subir a Rua do Ribeirão. Chegando à curva, volta-se à esquerda,



onde se encontra a Casa do Artesanato. Aí, podem adquirir-se produtos artesanais, entre os quais réplicas da tradicional fechadura de madeira e da barreta de lã, inicialmente utilizada pelos corvinos que tinham sido baleeiros.

16 Logo a seguir, encontram-se, à direita, as instalações da Lacticorvo, onde se pode adquirir o famoso queijo corvino de leite de vaca.



Luneta oferecida pelo pirata Almeidinha, em 1819, ao padre João Inácio Lopes.

“O Corvo, um ponto sobre o mar, uma ilhota sombria que se ergue a 500 léguas da Europa como uma sentinela avançada do nosso continente no caminho para a América, é um vulcão extinto com vertentes a pique e cimos verdejantes.”

(Príncipe Albert I do Mónaco)

“Um penedo e vento na solidão tremenda do Atlântico.”

(Raul Brandão, à chegada)

“Com os séculos, a água encheu as crateras, os musgos tomaram as ravinas, o vento arredondou as encostas.”

(Fernando Dacosta)

“Não há costa mais redonda nem mais certinha e elevada do que esta, nos Açores.”

(João de Melo)



Porto Novo - 1900

Agradecimentos:

Eduardo Guimarães, co-coordenador do projeto do Ecomuseu do Corvo.

Maria Rosário do Nascimento, médica corvina e familiar de Manuel Carlos Jorge do Nascimento.

Ximena George-Nascimento, neta de Manuel Carlos Jorge do Nascimento.

Bibliografia:

História dos Açores: do descobrimento ao século XX. (Dir.) Artur Teodoro de Matos, Avelino de Freitas de Meneses, José Guilherme Reis Leite. 2 vol. Instituto Açoriano de Cultura. Angra do Heroísmo. 2008.

Vila Nova do Corvo. Inventário do património imóvel dos Açores. Direção Regional da Cultura, Instituto Açoriano de Cultura, Câmara Municipal do Corvo. Angra do Heroísmo. 2001.

MEDEIROS, CARLOS ALBERTO. *A ilha do Corvo.* Col. Chorographia. Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa. Instituto de Alta Cultura. Lisboa. 1967.

REYES F., FELIPE. *Nascimento. El editor de los chilenos.* Santiago do Chile. 2013.

VÁSQUEZ DE ACUÑA, ISIDORO. *O corvino Carlos G. Nascimento. Co-arquitecto das Letras Chilenas.* Direção Regional da Cultura. Angra do Heroísmo. 2004.



Governo dos Açores

SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E CULTURA
Direção Regional da Cultura



*Aponto para a minha agenda grato evento,
Razão para alvoroço literário:
Setembro trouxe um novo aniversário
Da nossa casa grande, Nascimento.*

*Victor Franzani
tradução de Vázquez de Acuña*



Personalidades

ROTEIROS CULTURAIS DOS
AÇORES



MANUEL
CARLOS JORGE
DO NASCIMENTO

produção e coordenação_ Direção Regional da Cultura/ edição 2016
direção científica e textos_ João Saramago
conceção e impressão_ Bizex Projectos
fotografia_ Sofia Cascais/ Bárbara Proença/ Manuel Carlos (fotos de família)/ revista Ilustração Portuguesa de 1923/ Manuela Lara
agradecimentos_ Pedro Hamdan
depósito legal_ 412775/16

© Direção Regional da Cultura, todos os direitos reservados